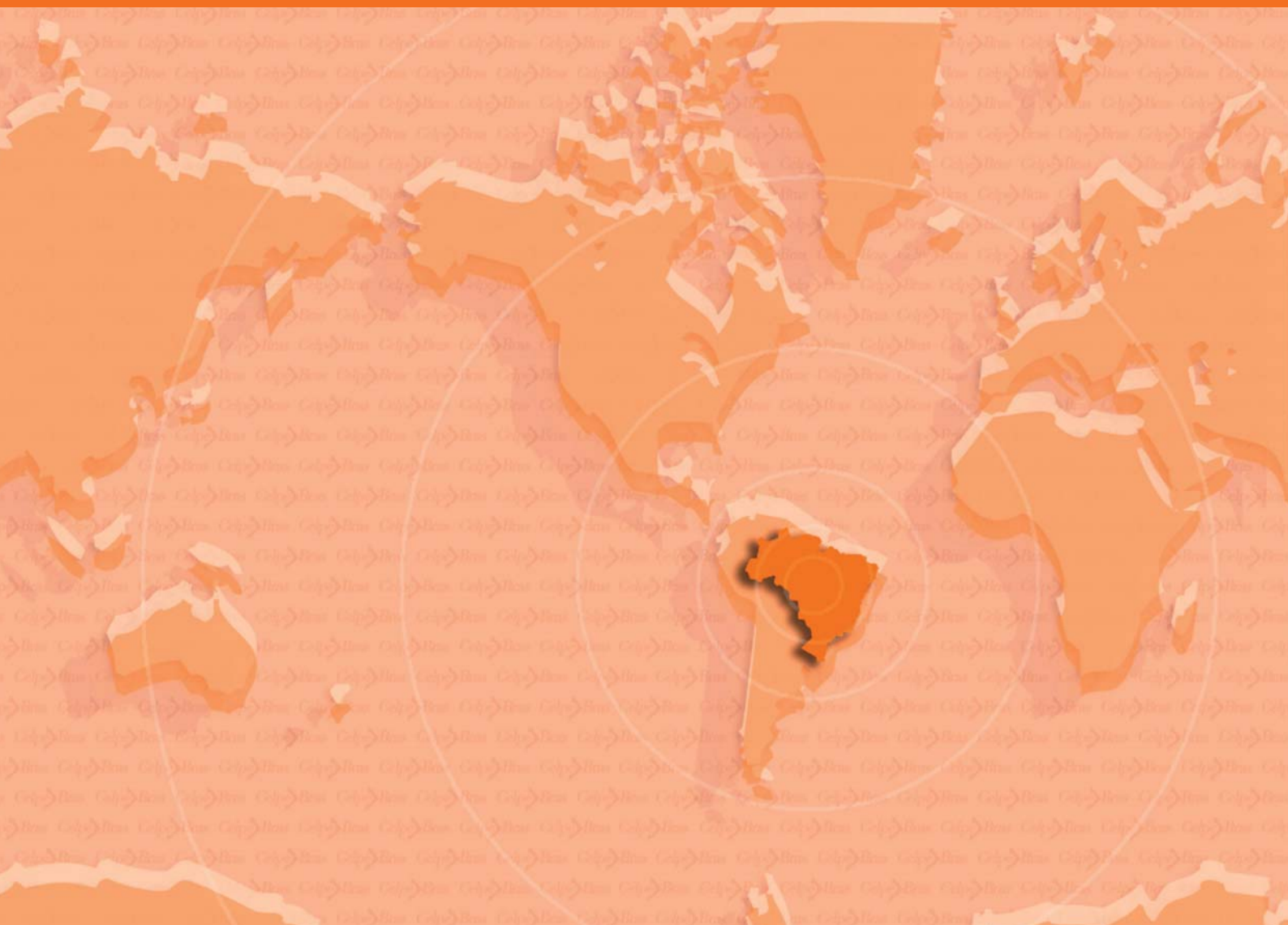


Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa

para estrangeiros



Parte Coletiva | Caderno de Questões

Produção escrita a partir de áudio e vídeo (50 minutos)
e leitura (1 hora e 40 minutos)

25 de abril de 2007

INSTRUÇÕES

1. Tempo - A parte escrita do exame tem a duração de **2 horas e 30 minutos**, assim distribuídas:

Tarefa I (vídeo): **25 minutos**, incluindo a exibição do vídeo;

Tarefa II (áudio): **25 minutos**, incluindo a audição do CD;

Tarefa III + Tarefa IV (texto escrito): **1 hora e 40 minutos**, incluindo a leitura dos textos

- ▶ Se você terminar a Tarefa II antes do tempo indicado, poderá passar imediatamente às Tarefas III e IV.
- ▶ Se você não terminar as Tarefas I e II no tempo indicado, poderá voltar a elas no decorrer do exame.

2. Cadernos do exame - Você recebeu três cadernos referentes à parte escrita do exame: um caderno de questões (11 páginas), contendo os enunciados das tarefas, um caderno de respostas (5 páginas) e um caderno de rascunhos. Confira se eles estão completos. Ao final do exame, os três cadernos devem ser devolvidos ao aplicador.

3. Identificação - Antes de iniciar a parte escrita do exame, você deverá preencher a ficha de identificação no início do caderno de respostas.

4. Instrumento de escrita - As respostas devem ser escritas **a caneta**. Não use corretivo. Rasuras são aceitas, desde que não dificultem a leitura do texto. **Não serão corrigidas provas a lápis.**

5. Legibilidade da resposta - As respostas devem ser escritas com letra legível.

6. Espaço para as respostas - As respostas deverão se limitar aos respectivos espaços reservados no Caderno de Respostas.

7. O rascunho - O rascunho deve ser feito no caderno de rascunhos e não será considerado no momento da correção.

Boa sorte!

Tarefa I

NOVOS PRODUTOS PARA A TERCEIRA IDADE

Você vai assistir duas vezes a uma reportagem do programa *Pequenas Empresas Grandes Negócios* (TV Globo, fevereiro de 2007), podendo fazer anotações enquanto assiste.

Um de seus amigos decidiu abrir um negócio e lhe pede orientação. Escreva **uma mensagem eletrônica** para esse amigo, sugerindo que ele invista na abertura de uma loja voltada para a terceira idade. Com base na reportagem, **aponte** três vantagens de se abrir esse negócio, **indique** os produtos e serviços que devem ser oferecidos e os benefícios para o público-alvo.

Tarefa II

UMA FERRAMENTA DOMÉSTICA DE ESTERILIZAÇÃO

Você vai ouvir duas vezes uma reportagem do programa *Saúde em Foco* (Rádio CBN, fevereiro de 2007), podendo fazer anotações enquanto ouve.

Você é proprietário de um restaurante no Brasil e está consciente da importância da redução dos riscos de contaminação em cozinhas. Com base na reportagem, elabore **um texto** para ser afixado no quadro de avisos da cozinha, **instruindo seus funcionários** a respeito dos procedimentos e cuidados a serem adotados com as esponjas e escovas utilizadas no restaurante.

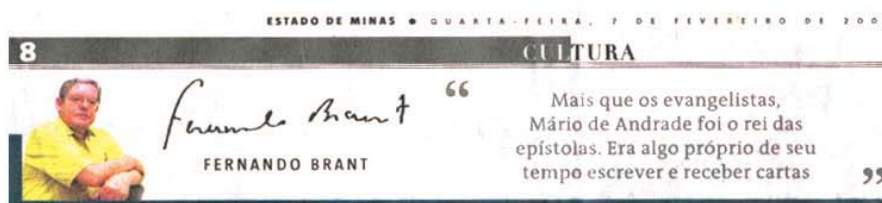
Tarefa III

CARTAS

Leia a crônica CARTAS escrita por Fernando Brant (Jornal Estado de Minas, 7 de fevereiro de 2007).

Nessa crônica, o autor pergunta: “Até quando esse tipo de documento perdurará?”. **Responda** a essa pergunta por meio de **uma carta dirigida a Fernando Brant**, apresentando sua opinião pessoal fundamentada nos pontos de vista expostos pelo autor.

Tarefa III



fernandobrant@hotmail.com

Cartas

Já não se escrevem cartas como antes. Nunca mais se publicarão livros com a correspondência privada de pessoas tornadas públicas? *Cartas perto do coração*, diálogo amigo de Fernando Sabino e Clarice Lispector, acende em mim essa idéia de perda.

A caneta sobre o papel em branco não revela mais os sentimentos profundos de amizade e amor. O amigo não analisa e aconselha o destinatário sobre a melhor forma de lapidar um verso, o capítulo de um romance ou o epílogo de uma novela. Contam-se nos dedos os que escrevem à mão e os que ainda existem, pelo menos os que conheço, são os melhores.

Desaparecerão na poeira do tempo as cartas dos amantes? Que lembranças escritas eu tenho de minha namorada, se morávamos na mesma cidade e já havia o telefone? A conversa escrita entre meus pais (guardada na gaveta que um dia eu abrirei), o amor expresso graficamente, as gentilezas que se trocaram, até quando esse tipo de documento perdurará?

A tinta no papel branco era o sangue do confidente, do amante, do amigo, exposto de forma espontânea e verdadeira. Era a entrega absoluta, que se confirmaria dias depois, conforme fosse a distância entre o remetente e o destino. E a competência dos correios. Os correios ainda existem e hoje até trabalham mais, mas é o ir e vir de objetos que toma a maioria de seu tempo.

Aquele desnudar-se nos papéis foi trocado pelo falar eletrônico, pelos teclados do computador, que enviam, imediatamente, para o mundo, o que queremos comunicar. Sinto falta dos amigos que se mudavam (por exemplo, para Porto Alegre) e nos deixavam lacuna e tristeza, saudade que nos incentivava a escrever semanalmente, mesmo que não houvesse novidade nem assunto. E precisávamos inventar formas originais, como escrever em folhas de papel higiênico. Só para deixar claro que estávamos vivos, que a amizade e a lembrança eram firmes.

Mais que os evangelistas, Mário de Andrade foi o rei das epístolas. Era algo próprio de seu tempo escrever e receber cartas. Estão à disposição os livros com suas mensagens remetidas a uma infinidade de artistas e amigos. É uma história viva, fascinante, de uma época, de um Brasil e de um mundo.

Não sei o que deixaremos para os que nos sucederem. Devoto da preguiça e da calma, reconheço a qualidade da tecnologia e vou tocando meus dois dedos no teclado. O que se chama de e-mail (e eu, sem radicalismo, prefiro nomear correio eletrônico) é um excepcional instrumento para-nos comunicarmos.

Recebe-se com rapidez, responde-se num átimo; e se deleta, se apaga. Para onde vai a memória dessas falas? Sei que fica tudo gravado na máquina, mas e se a gente troca de equipamento, como quer a propaganda e o negócio? Sei não. Pode ser delírio ou pensamento exótico surgido na madrugada calma em que todos dormem tranquilamente. Ficarão disponíveis as intimidades puras e verdadeiras das pessoas interessantes de nossos dias? Ainda leremos essas cartas saídas dos e endereçadas aos corações?



Tarefa IV - Texto escrito

ENTREVISTA – IVO PITANGUY

Leia a entrevista com o Dr. Ivo Pitanguy feita por Celina Cortes, (ISTOÉ, 19 de julho de 2006).

Atualmente, um grande número de pessoas recorre à cirurgia plástica.

Com base na entrevista, **escreva um pequeno artigo** a ser publicado na mesma revista, argumentando favorável ou contrariamente ao ponto de vista defendido por Ivo Pitanguy.

Tarefa IV



Ivo Pitanguy

“Nunca pensei em passar por uma plástica”

Aos 80 anos, o célebre cirurgião plástico diz que quem convive bem com a própria imagem, como ele, não precisa de bisturi.

Por Celina Côrtes

Um dos mais aclamados cirurgiões plásticos do mundo, Ivo Pitanguy acaba de entrar para mais uma academia. Há 15 anos, se tornou membro da Academia Nacional de Medicina. Em 1990, se juntou aos imortais da Academia Brasileira de Letras. Agora, tornou-se sócio, junto com o filho Ivo, da Pontal Fitness, uma monumental academia de ginástica e estética no Recreio dos Bandeirantes, no Rio de Janeiro. Nada mais natural para alguém que há tantos anos promove, com seu bisturi, o resgate da beleza de anônimos e famosos, in-

cluindo estrelas como as atrizes Sophia Loren, Gina Lollobrigida e Candice Bergen e a princesa iraniana Farah Diba. No Brasil, operou as atrizes Sonia Braga, Vera Fischer, Suzana Vieira e Glória Pires. Mas nunca ninguém ouvirá o nome das clientes da boca de Pitanguy, um elegante mineiro apaixonado pelo Rio, filho de cirurgião, que fez do sigilo sua marca registrada. Aos 80 anos, completados na quarta-feira 5, ele exhibe pleno vigor físico e mental. Ainda faz pesca submarina em sua ilha, em Angra dos Reis, joga tênis e exercita a mente com leitura, escrevendo e fazendo conferências pelo mundo afora. Só este ano, já foi à Rússia e à Alemanha. Na quarta-feira 12, o médico falou a ISTOÉ.

ISTOÉ – O sr. já pensou em passar pelo bisturi?

Ivo Pitanguy – Nunca. O ser humano não tem obrigação de se operar. Quem convive bem com sua imagem, se tolera ou tem um ego condescendente não há por que fazer. Os menos satisfeitos são aqueles que se operaram por imposição de terceiros. Deve-se buscar o tratamento para o próprio bem-estar, e este não é o meu caso.

ISTOÉ – Quais foram as principais inovações criadas pelo sr.?

Pitanguy – Tenho várias técnicas de redução e aumento da glândula mamária. Há métodos para face, nariz e contorno corporal. Tudo isso está em mais de 900 artigos e 40 livros médicos. O fato mais importante de minha vida médica foi criar a Escola de Cirurgia Plástica, a maior do mundo, com mais de 500 alunos, quatro mil visitantes. Trabalhamos com a noção de qualidade, assim como na Santa Casa de Misericórdia do Rio, onde criei em 1954 uma enfermaria para atender os pobres.

ISTOÉ – O sr. operou Sophia Loren. Como é deparar com uma mulher dessas na sua mesa de cirurgia?

Pitanguy – Nunca sei quem operei. O médico, antes de ser cirurgião, tem o sentido de que as pessoas são parecidas e por isso não vemos diferença nenhuma. Andei pelo mundo com pessoas importantes, reis e príncipes. No momento de operar quem quer que seja, é preciso tratá-los com a mesma naturalidade dessa nossa conversa.

ISTOÉ – Sonia Braga declarou recentemente que o sr. refaz as vidas. Como interpreta o comentário?

Pitanguy – Achei muito bonito e delicado da parte dela. O importante da cirurgia plástica é fazer com que a pessoa se sinta em paz com sua imagem. Se isso acontece, ela estará em paz com o mundo que a cerca e com seu próprio Deus. É extraordinária a sensação de proporcionar bem-estar a alguém.

ISTOÉ – O sr. acha que existe um exagero na busca por cirurgias plásticas?

Pitanguy – Acho. Há uma procura muitas vezes desnecessária e cabe ao cirurgião sentir se a pessoa terá ou não benefício, em todas as classes sociais. Não há diferença entre as dondocas e as mulheres de baixa renda.



“Quem me procura achando que vai recuperar o marido depois de uma plástica é bom saber que não vai”

Hoje está tudo muito democratizado, o que aumenta a importância de os cirurgiões serem bem treinados, capazes de julgar cada caso. Muitas vezes as pessoas esperam mais da cirurgia do que podemos dar.

ISTOÉ – O sr. já disse a alguma paciente que ela não precisava de plástica?

Pitanguy – A toda hora. Às quartas-feiras recebo na Santa Casa doentes mais complexos, aqueles que estão bem e não se vêem bem. Isso se chama morfofobia, a fobia da própria forma. O plástico também tem de ser psicólogo.

ISTOÉ – O sr. se recorda de alguma cirurgia cujo resultado o tenha decepcionado?

Pitanguy – Aconteceram situações em que o doente tinha uma expectativa que eu não tinha condições técnicas de atender e concordei em fazer a cirurgia, por inexperiência. Mas não me lembro de exemplos concretos. O interessante é o aprendizado que fatos como esses proporcionam. Quem me procura achando que vai recuperar o marido depois de uma plástica é bom saber que não vai. Hoje, sempre que sinto na pessoa uma expectativa maior do que eu possa dar, não opero.

ISTOÉ – Por que as brasileiras são tão vaidosas?

Pitanguy – Em certos locais do Brasil, da Califórnia ou do sul da França, em que as pessoas se expõem, há mais vaidade, porque todos vêem mais o próprio corpo. Quando estão mais abrigadas e escondidas, elas são mais protegidas da imagem, o que é uma pena. A brasileira é linda, com essa mistura de todas as raças. Há um equilíbrio de beleza que não se encontra em outros lugares. Por outro lado, a mídia impôs padrões de beleza que atendem a interesses comerciais. Acho que a beleza é muito mais o direito à normalidade de cada pessoa, dentro de seu próprio biotipo.

ISTOÉ – As mulheres de baixa renda são tão vaidosas quanto as de classe alta?

Pitanguy – Tem sido importante dar dignidade à cirurgia estética e reparadora para a população carente. O mendigo é igual ao rei em relação à sua imagem. Percebi que o ser humano é o mesmo ao conviver com pessoas de vários níveis sociais e hierarquias de poder. Talvez a percepção da necessidade social da cirurgia plástica tenha sido um dos fatores mais importantes em meu trabalho, assim como transmitir isso a outros profissionais.

ISTOÉ – Os homens estão procurando mais a cirurgia plástica?

Pitanguy – A procura tem crescido bastante. Acho que, depois de a mulher ter entrado no mercado de trabalho, o homem passou a se permitir a própria fragilidade, a ter direito ao seu corpo. Agora a sociedade não condena mais que ele se cuide.

ISTOÉ – Como o sr. chegou aos 80 anos com essa saúde, em plena atividade profissional?

Pitanguy – O que fiz a vida inteira foi dar a cada momento a sua importância total, vivê-lo com intensidade e procurar tirar dele o que podia ser mais construtivo. Um pouco de equilíbrio ajuda, assim como um pouco de loucura. O equilíbrio exagerado retira a percepção dos fatos e a vida é muito surrealista. Nem sabia que estava chegando aos 80. Para mim, foi estranhíssimo, nunca contei os anos, o importante é ter alegria com o momento que se vive. Os anos não têm a menor importância. É indispensável ter modéstia para viver a vida com dignidade, assim como sentir o respeito pelo outro.



“O homem busca mais os tratamentos porque hoje se permite demonstrar a própria fragilidade”

